

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: 122

Data: 8 de Junho de 1980

Pg.: _____

Crise da Funai ameaça segurança

MELINO DO VALE

Um apelo ao governo para que "atenha ao fato de que a atual política desenvolvida pela Fundação Nacional do Índio pode colocar em risco o futuro da unidade nacional, criando na dobrada do século aproximadamente 150 países básicos, 150 grupos dissidentes, as nações indígenas existentes no país", foi feito ontem pelo antropólogo Rafael José de Menezes Bastos. Ele considera "evidente que o índio diz respeito à segurança nacional. Não como tem sido colocado até agora. O índio não é uma ameaça à segurança nacional enquanto índio. Mas se constitui numa dificuldade à altura do país se o trabalho indigenista continuar, entregue a pessoas tão absolutamente despreparadas para a função, embora talvez até bem intencionadas, como os atuais dirigentes da Funai".

Um dos três indigenistas cuja demissão da Funai desencadeou uma crise que já provocou o pedido de demissão de nove colegas e

manifestações diversas. Rafael Bastos vê "uma série de sintomas de que esta crise não é uma crise qualquer, mas se reflete como uma possibilidade, seja provocada ou espontânea, do próprio término do br-gão". Entre esses sintomas, segundo diz, estão "o tratamento dado à crise Xavante como um caso de posseio e a atitude de postergação e silêncio inadmissíveis para uma série de problemáticas indígenas da maior importância". Segundo diz, "os funcionários da Funai devem desempenhar o papel de intermediários entre a sociedade nacional e as nações e povos indígenas". E esclarece que, "quando eu digo nações, estou utilizando a palavra conforme se usa na língua portuguesa. Nós temos nações indígenas na medida em que há povos indígenas, que se aglutinam perante instituições, regras, homens, dentro de um espaço geográfico determinado. Então, a incompetência, a irresponsabilidade, a falta de sentido patriótico das pessoas que comandam a Funai começa e está expressa na atitude autoritária perante os índios de chamar a

polícia para tratar com eles, como aconteceu em Brasília, com os Xavante, afóra em outros conflitos localizados pelo Brasil afóra. A atitude do presidente e dos demais dirigentes da Funai deveria ser eminentemente diplomática, e o uso desta palavra também é descritivo, porque, afinal de contas, o que faz alguém trabalhando na Funai?"

O antropólogo indica que "eles, os dirigentes da Funai, têm toda uma tradição do indigenismo brasileiro para se espelhar, todo o trabalho de um Rondon, um Malcher, um Orlando Villas Boas, um Olímpio Serra, que formaram um trabalho invejável em termos mundiais, que não pode ser jogado fora". Ressalta que "eu estou colocando o problema assim não por serem os dirigentes da Funai militares. Eu não uso essas pessoas pelo fato de serem militares. Pelo contrário, os militares sempre contribuíram dentro da política indigenista brasileira. Eu me lembro da figura ímpar do marechal Rondon, que foi um militar em torno do qual jurou uma série de oficiais do

Exército brasileiro, que se deixaram socializar pelos povos indígenas. Nós não podemos esquecer que o grande começo da educação de Rondon foi com um povo Nambiquara, através de uma flechada que gerou sua célebre frase em relação ao índio, "matar se preciso for, morrer nunca". E conclui que "as pessoas que estão na Funai estão desprezando essa tradição. Eu acho que são inadequadas pelo fato hástico de serem incompetentes".

"Apesar de todas as tentativas de colocar o índio no passado, na distância, sob controle remoto - observa o indigenista - ele tem se mostrado vivo, presente e próximo. A cada dia nós temos vista que, por onde expunde-se o Brasil, na Amazônia, por exemplo, aquilo que alguns chamam o vazio amazônico, não passa de um espaço ocupado, imemorialmente, por nações indígenas, anteriores ao próprio país. E tudo que se tentou fazer para encobrir a diversidade dos povos, desde a emergência do Estado moderno, foi absolutamente inépcia, porque os povos são inextinguíveis, a

não ser que se os destrua fisicamente. Assim" - prossegue - "o problema dos índios brasileiros precisa ser visto de uma ótica de toda a questão mundial das etnias. Nós temos o problema das etnias e das fricções interétnicas no mundo inteiro. No Brasil, ou nós reconhecemos e respeitamos os povos indígenas como tais, ou comprometemos o próprio projeto brasileiro. Se o problema das etnias na Espanha, na União Soviética, na França, na Alemanha, na China, nos Estados Unidos da América são agudos, imagine-se em um país como o nosso, onde nós temos pelo menos 150 povos completamente diferentes entre si..." Rafael Bastos cita como exemplo que "os índios Xavante são tão diferentes dos índios Guaraní quanto diferem alemães e indonésios". E acrescenta que "além do mais, nós temos um mosaico complexo, abrangendo desde povos indígenas que estão ainda em completo isolamento, até índios que interagem com a sociedade nacional, como os Gaviões, e até mesmo que deixaram de ser legalizados, o índio geneticamente

fulando. Belém, por exemplo, é uma etnia indígena, como Manaus, do aspecto físico das pessoas até a comida. Essa diversidade brasileira se reflete, ainda, nas línguas, nós temos no país pelo menos 200 línguas diferentes, o alemão, o italiano, o guarani, o xavante, o apuriã, o português e por aí afóra. Isso não pode ser desconsiderado, sob pena de colocar em xeque nosso futuro como país".

No entender do antropólogo, "a providência básica no país, e quando eu falo país falo no governo, na nação, é que ele tem que se conscientizar de que esse país quer persistir. E dentro dessa persistência, a questão indígena é crucial. Nós não queremos transformar isso aqui, no futuro, em um país cheio de enclaves. Temos inclusive uma posição a cavaleiro contra isso, uma Antropologia, uma ciência social, um indigenismo que fornecem os elementos para essa diplomacia necessária no trato com o indígena. O índio é um problema que diz respeito às finalidades nacionais. Resolver essa questão significa

apontar para o futuro do país. Então, direção da Funai tem que ser delegada a pessoas formadas dentro dessa diplomacia, de todas as categorias profissionais que a problemática requer, e não continuar em mãos de quem, a par das intenções, não é indigenista".

A pergunta sobre se advertiu os dirigentes da Funai, ainda como funcionário do órgão, sobre o perigo que prevê, Rafael Bastos é categórico: "Eu devo dizer inclusive que foi nessas condições que se deu a minha demissão, enquanto antropólogo que tentava contribuir no sentido da superação da problemática, através de relatórios, pareceres, até o ponto de antecipar fatos fazendo recomendações. Mas, como aconteceu comigo, tenho colegas de colegas dentro da Funai que tiveram seus pareceres técnicos recusados ante o fato de diretores, chefes de seção, simplesmente não entenderem do que a gente estava falando, nem fazerem questão de entender, de se informar..."